

Figuras solenes, fatos qualificados

Narrativas de vida e morte no fotojornalismo

Solemn figures, qualified events

Narratives of life and death on photojournalism

Paulo Bernardo Vaz¹

Angie Biond²

Resumo

O propósito deste texto é contestar o caráter de excepcionalidade que parece atrelado às raízes da figuração de vítimas de catástrofes para compreender sua posição como parte de um contexto ético-político mais amplo, que empreende as narrativas contemporâneas do fotojornalismo, pautado em uma concepção de vida e morte qualificadas. Aqui, o corpo assume um ponto de inflexão importante no momento em que promove uma espécie de cesura entre fato e identidade. Exemplares do jornalismo nos servem de base para esta discussão.

Palavras-chave

Corpo; Catástrofe; Fotojornalismo; Identidade; Visibilidade

Abstract

This paper proposes to contest the character of exceptionalism that seems to be related to the roots of the figurations of disaster victims to understand their real position as part of a broader context ethical and political, which understakes narratives of contemporary photojournalism based on a conception of life and death qualified. The body takes an

¹ Professor do Programa de Pós- graduação em Comunicação Social FAFICH – UFMG. Pesquisador do CNPq

² Doutoranda do Programa de Pós- graduação em Comunicação Social FAFICH – UFMG. Bolsista Capes

important turning point when it promotes a kind of a seam between events and identity. Some examples by the photojournalism serve as a basis for discussion.

Keywords

Body; catastrophe; photojournalism; identity; visibility

O fotojornalismo, a cada dia, nos traz as porções do mundo e de seus acontecimentos. Produzem e fazem circular pequenas narrativas diárias recortadas por um tempo e espaço já pactuados em uma espécie de “imagem-síntese” dos fatos, especialmente, aquelas ligadas ao sofrimento humano. Funcionam, por vezes, como rastros de uma “enorme massa documental que constitui, através dos tempos, a memória incessantemente crescente de todos os males do mundo.” (FOUCAULT, 2003, 211). São inúmeras vidas abatidas por eventos infelizes, mazelas e sortilégios de todo tipo que vão constituindo as tragédias cotidianas e parecem consolidar, através do fotojornalismo, uma galeria de sofredores. Tão efêmeros quanto intensos, seus personagens irrompem em páginas dos jornais, revistas, no jornalismo televisivo e na internet, legitimados pelas lentes de profissionais, agências de notícias ou mesmo por colaborações de amadores, participantes e sobreviventes dos diversos eventos.

Resguardadas as especificidades de cada narrativa, de cada meio, de modo geral, vimos que seus personagens condensam a força expressiva dos eventos em seus corpos e, simultaneamente, inscrevem discursos que tanto potencializam quanto qualificam seus sofrimentos. Exprimem um *pathos*, inscrevem um *ethos*. À primeira vista, são personagens que vigoram como figuras de um destino trágico, abatidas por eventos singulares, de caráter brutal e amplas dimensões, porém, entrelaçadas aos eventos, são também qualificadas em seus lugares de pertencimento, configuram uma espécie de comunidade de viventes³ dotadas de certa linguagem e gestual próprios.

O propósito deste texto é, portanto, contestar o caráter de excepcionalidade que parece atrelado às raízes da figuração de vítimas de catástrofes para compreender sua posição como

³ Giorgio Agamben compreende o ser vivente em dupla formação; tanto designa a *zoe*, como o aspecto advindo do fato de viver, mas que é uma produção do poder e não um dado natural, como a *bios*, a forma de viver própria de um grupo ou povo que culmina em formas-de-vida. O termo vivente consegue condensar, adequadamente, o caráter ambíguo e limítrofe do humano/inumano, investido/despojado, *bios/zoe*, que melhor designa o estatuto ontológico da figura de um sofredor em sua zona limítrofe da existência, tanto natural quanto política. Ver AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

parte de um contexto ético-político mais amplo, que empreende as narrativas do fotojornalismo, pautado em uma concepção de vida e morte qualificadas. Buscamos compreender de que modo tais figurações dos sofredores compõem uma estrutura complexa dos dispositivos⁴ de inscrição (e escritura) que engendram e classificam as identidades a partir das vítimas como suas personagens. Para isso é preciso reconhecer, de saída, o fotojornalismo em um estatuto ambíguo de (re)produção dos fatos; integrado à vida e ao mundo, mas envolvido, concomitantemente, no campo dos relatos, das ficções e histórias que subjazem e irrigam a própria vida social e cotidiana. O fotojornalismo é tomado como uma espécie de operação ou exercício de poder⁵ que engendra uma produção de vida e morte qualificadas, isto é, predicadas, partindo da figura do sofredor, o vivente, como seu principal ponto de inflexão.

Aqui, o tempo-espaço figurado do evento se entrelaça aos corpos dos personagens, promovendo uma cesura do sujeito com o próprio evento e, em boa medida, fornecendo um tipo de perfil identitário. Seu contorno biográfico se expõe através de uma forma onde sua potência dramática se ritualiza nos gestos e expressões do rosto como uma grafia que tanto intensifica o fato quanto confere uma identidade, uma posição aquele que sofre. São estes arranjos figurativos que promovem os vínculos com o olhar e que habitam nossos juízos tratando de organizar os diferentes eventos em um mesmo quadro de referência, categorizando sofredores em infelizes (como simples vítimas) e, deste modo, contribuem para diluir a responsabilidade como causa pública⁶, como aspecto ético-político, sob o caráter de excepcionalidade dos eventos.

São dois movimentos que se cruzam na análise; um, que busca refletir sobre o conceito do sofredor como um vivente, fundamentado na relação estética e política, tal qual proposta por Agamben (2009), isto é, como um sujeito que se constitui em uma zona limítrofe da existência humana e política. Outro, que tenta compreender como esta figuração, tipo de

⁴ O termo dispositivo é tomado aqui a partir do conceito proposto por Agamben, que constitui “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, p. 40). Conforme Agamben os dispositivos “tem sempre uma função estratégica concreta, como tal, resultam do cruzamento de relações de poder e de relações de saber” (AGAMBEN, 2009, p. 29).

⁵ Entendido como inserido no conceito de dispositivo agambeniano; aquele que dá forma à vida.

⁶ Tomada na mesma acepção proposta por Hannah Arendt quanto a todo tema ou aspecto que se trate do bem comum. Para Arendt, a causa pública constitui um valor e ao mesmo tempo um espaço através do qual a participação entre iguais é fundadora e possível à ação política. ARENDT, Hannah. A condição humana. São Paulo: Forense, Edusp, 1981.

operação articulada pelo fotojornalismo, designa uma relação mais complexa com a estrutura de poder ao qual se apresenta, a saber, de uma política da desresponsabilização ancorada na dissolução da causa pública sob uma referência de excepcionalidade do evento, ligada, portanto, à consolidação ainda maior da condição do sofredor como sujeito imponderável nas narrativas contemporâneas de vida e morte.

Sob a forma da sobrevivência infame

“Têmen é ameaçado por uma catástrofe alimentar”. France Presse, 15/09/11

“ONU diz que um terço dos somalis se deslocou para fugir da fome”. Folha de São Paulo, 15/09/11

“ONU alerta que 750 mil podem morrer de fome na Somália, onde 4 milhões já são afetados”. O Globo, 05/09/11

“750 mil podem morrer de fome na Somália”. Carta Capital, 06/09/11

Algumas destas manchetes circularam nos principais veículos de jornalismo no mês de setembro de 2011. Um relatório da ONU, publicado no início do mês, declarou que uma parte considerável da Somália, país mais pobre da região do Chifre da África, na Península Arábica, está prestes a morrer pelo flagelo da fome. Mais de um milhão de somalis já se refugiou no Quênia e Etiópia, e outro terço dos 22 milhões de habitantes, segundo o documento, ainda perecerá nos próximos quatro meses. Estima-se que 1.200 somalis cruzem as fronteiras rumo aos países vizinhos, diariamente.

As intervenções humanitárias estão limitadas por conta das zonas de conflito entre grupos pró e anti-governo do presidente Ali Abdallah Saleh, que controlam a entrada e saída de estrangeiros e mantimentos no local. As manifestações políticas se agravam nas cidades, as mulheres sofrem com a desnutrição, discriminação e violência sexual, a mortalidade infantil cresce em altos índices, a inflação sobe, os alimentos são cada vez mais escassos e o período de seca agrava a realidade do país. O relatório ainda prevê que “ocorrerá um aumento nas estatísticas de subnutrição e mortalidade nos próximos dois meses, em parte por causa da maior ocorrência de doenças que deve chegar como consequência da temporada de chuvas.” (Folha de São Paulo, 15/09/11)

As fotografias subsequentes circularam na imprensa junto às notícias da fome trágica relatada pelo documento da ONU, no último mês.



FIGURA 1
Foto: John Moore
Fonte: Getty Images Agency



FIGURA 2
Foto: John Moore
Fonte: Getty Images Agency



FIGURA 3
Foto: Ismail Taxta
Fonte: Reuters Agence

As fotografias que seguem conquistaram o World Press Photo, maior prêmio de fotojornalismo internacional concedido aos fotógrafos e/ou veículos de imprensa. Em 1992, 1980 e 1974 as fotografias já tematizavam a fome em amplas dimensões na região da África.



FIGURA 4

Foto: Ovie Carter, Nigéria

Fonte: Prêmio World Press Photo, 1974



FIGURA 5

Foto: Mike Wells, Uganda

Fonte: Prêmio World Press Photo, 1980



FIGURA 6

Foto: James Nachtwey, Somália.

Fonte: Prêmio World Press Photo, 1992

Este pequeno conjunto de fotografias comparadas traz o registro de uma situação frequente ao povo africano, mas que se agrava sob eventos circunstanciais. Tanto nas edições do World Press Photo, como nas fotos veiculadas recentemente pela imprensa, o sofrimento e morte são expostos como prova dos agravos da fome, justificados sem outros desdobramentos reflexivos, mas caracterizados pelo que parece ser próprio a um povo.

Mulheres e crianças esqueléticas aparecem alheias às câmeras e aos olhos do mundo em uma intensidade expressiva perturbadora. Seus corpos abatidos e esculpidos pelo flagelo demonstram o impacto que tal fato provoca dia após dia. A fome é exposta (e se expõe) nos corpos como uma verdadeira operação do tempo. Ela se apresenta, duplamente, por um estado de permanência; tanto dos discursos que se firmam, ao longo do tempo, acerca de um povo vinculado à fome crônica, quanto dos próprios corpos, que se mostram, subrepticiamente, submetidos a um estado prolongado de inanição. Ao mesmo tempo, o corpo é o que resta da fome; a fome, por sua vez, emblema de um povo.

Deste modo, o corpo, em especial, funciona como protagonista de uma identidade e assume o lugar da escritura e da inscrição do sofrimento de suas personagens, ao mesmo tempo em que evidencia a passagem à operação retórica da qualificação de sua vida ou morte qualificadas. O corpo está para promover uma espécie de cesura com o próprio fato. O corpo emprega uma força, na imagem, a partir de uma interseção entre o próprio fato e a dor. Em boa medida, constitui o *pathosformel* da própria fome, pois designa “o indissolúvel entrelaçamento de uma carga emotiva e de uma fórmula iconográfica.” (AGAMBEN, 2004,

15) O corpo em sofrimento é o corpo abatido que produz paixões e faz circular afetos que constituem e vinculam valores.

Nos exemplares fotográficos acima, as atitudes corporais das personagens mobilizam sempre algum tipo de disposição afetiva do olhar; seja comoção, repulsa, indignação, perplexidade. Há uma similaridade estrutural de composição e tratamento temático entre as fotografias vencedoras do World Press Photo e as demais veiculadas, recentemente, em diferentes veículos.

Em geral são mulheres vistas como mães junto às crianças e em posição de acolhimento umas às outras, ligadas por uma solidariedade mútua que se define pela dor e sofrimento que a fome causa. As mãos, em todo seu gestual especial de encontros, parecem se oferecer como índices desta união, tanto compartilhada por seus iguais, quanto solitária de outros. Os olhos não encaram as lentes, não veem outros olhares, mas apenas se recolhem em um íntimo próprio e desolador de seus semblantes.

Seus corpos são dados como os próprios personagens precários e encarnam a própria fome em todo seu estado e intensidade possível. A esta altura, personagem e imagem se confundem como registro, tanto frágil quanto incerto, da vida em seu limiar de morte. Assim, as proporções de um fato catastrófico, aquele capaz de dizimar vidas e sujeitos, se constituem enquanto uma forma que qualifica seus personagens.

Através do corpo é possível vislumbrar a situação na qual se colocam os personagens, mas vale ressaltar também que sua constituição pática, além de exprimir, plasticamente, visualmente, a situação de dor e sofrimento, dá a ver e saber acerca do evento (fome que denuncia a miséria e anuncia a morte), assim como seu ponto imediatamente reflexivo; a degradação de uma forma de vida especificada; a dos pobres, os miseráveis. De modo que as fotografias, no fotojornalismo, parecem oferecer a dimensão única das condições de sobrevivência de um povo, indicando os quadros de referência adequados para o reconhecimento dos seus personagens reais, da vida cotidiana. Assim, o fotojornalismo atribui ao sofredor uma posição atrelada à sua identidade de classe, gênero, sexualidade ou etnia que remete também a um elemento moral que o qualifica e o justifica em dada situação.

Quando a figura do sofredor assume um papel de institucionalização, de objeto transitável entre as tarefas da denúncia, do protesto ou do conhecimento é, simultaneamente, investido de uma posição, de um lugar específico dado pelo gênero por onde perpassam as

linhas de força das relações de poder que demarcam os lugares e as ocupações entre personagens, imagem e espectador.

Foucault, no texto “A vida dos homens infames” (1974/2003), toma o trabalho com pequenas e breves notas deixadas pelas ordens régias de morte ou confinamento, *as lettres de cachet*, como único rastro qualificador daquelas vidas ordinárias e cotidianas. O breve, mas não menos importante encontro destas vidas com um tipo de poder que lhes proclamava um destino, deixou como seu único vestígio algumas poucas palavras em notas manuscritas. A noção de arquivo em Foucault, sabemos, tem menos relevância pelos enunciados do que com as condições mesmas da enunciação. Assim, a existência daquelas vidas deve-se exatamente pelas notas que as tornaram indignas e que, por “um acaso qualquer, retornam, sob efeitos de múltiplos acasos” (FOUCAULT, 2003, 243). No entanto, Foucault indica que é apenas sob este mesmo tipo de registro que aquelas vidas, expulsas do mundo, qualificadas como indignas, fazem seu retorno ao real.

Podemos usar o mesmo movimento analítico para observar as vidas e mortes qualificadas postas em jogo pelo fotojornalismo. No lugar das *lettres de cachet* são as formas visíveis que fazem funcionar aqui a qualificação das figuras em seu aspecto de vida/morte adensado pelo evento. Sua existência procede da aparição devota como registro de uma vida sempre precária, sempre indigna, sempre marcada por eventos trágicos, neste caso, a fome crônica. Do mesmo modo são estas imagens que conformam os “rastros” narrativos, que consolidam e confiarão modelos memorialísticos, historiográficos, literários... Contudo, a discussão ainda premente é seu papel enquanto forma social e socializante. Este paralelo permite notar que este tipo de representação fundamentada em identidades (étnicas, gênero, classe, entre outras) investe, em geral, em particularidades gestuais, de linguagem, de um *ethos*, que vão conformando uma noção de coletividade; de um grupo que compartilha das mesmas e freqüentes qualidades, como outro tipo de comunidade.

Somos acostumados a vê-los como sobreviventes em um espaço designado por sua natureza fatídica, do não direito, relegados à revelia; os desvalidos. Contudo, a figura de um (sobre)vivente, conforme Agamben, é sempre uma suspensão que se mostra também tática de governamentalidade da vida. Sua figura produz uma desarticulação real do que é humano e assim, humano e inumano funcionam como dois vetores no campo de força dos vida. (AGAMBEN, 2009, 40)

Para Agamben, quando se invoca a assimetria entre os direitos ativos da cidadania e os advindos de uma condição natural de homens nascidos, não se trata apenas de um elemento revelador de uma política moderna passada, mas contém um elemento significativo da biopolítica, que indica a necessidade permanente de redefinir qual vida está dentro ou fora dos direitos de um Estado. É uma vida que se controla a partir da exceção. Apátridas, clandestinos e refugiados, mas também outros grupos somam-se hoje a esta comunidade de viventes, como os famélicos somalis; espécie de figuras solenes, dados exatamente por serem somalis, por pertencer a uma classe e identidade étnica.

Se, conforme Agamben (2004), na política moderna, “antes do direito do cidadão estava a captura política do corpo”, na figura do homo sacer, hoje, podemos dizer, o corpo continua na pauta do poder, mas através de nova configuração, como um local de disputas políticas das identidades. Contudo, o corpo abatido que sofre é também o que resiste na imagem, tal qual os rastros que, embora apagáveis, restam, icônicos.

O sofrimento como figura midiática do comum

Até aqui vimos que o sofrimento promovido pelo flagelo da fome traz, sob a forma de uma aparição precária, a constituição de um tipo de vida, de um grupo em especial, cuja vida/morte surgem predicadas, qualificadas. O fotojornalismo, ao investir seus registros de uma conformação visual, plástica e gestual consegue estabelecer um regime do visível para o qual se ancoram identidades. A questão é que esta relação, uma vez observada, não pode prescindir de uma discussão mais apurada de suas implicações éticas e políticas. A caracterização, a qualificação de situações de sofrimento e morte, traz consigo também uma qualificação de vida, de tipos de vida. Dentro de um contexto cultural do ocidente estas variantes não se encontram desconexas, prática ou politicamente.

O fotojornalismo, ancorado em um caráter indicial acentuado, traz a conformação visual das diversas realidades do mundo, mas também inclui, neste trabalho, o modo como esta espécie de organização dos fatos reverberam em percepções e noções que perpassam imaginários, conceitos, julgamentos. Esta forma com a qual o fotojornalismo acede a um modo de organização e classificação dos sujeitos pela vida ou pela morte qualificada constitui um tipo de espaço político que opera por afecções. O infeliz, o pobre, o doente, o migrante ou o preso são todas figuras enredadas por este espaço e que ratificam o caráter aporético de uma

política que ainda se mantém por protocolos de inclusão e exclusão, mas, sobretudo, de regulação, de modulação da vida.

O fotojornalismo articula suas imagens a esquemas cognitivos, afetivos e morais que atribuem (ou negam) certos valores ao outro. Põe tanto o espectador quanto o outro em lugares de pertencimento. Ao tratar a fome e suas vítimas como sobreviventes ou infelizes apenas se enfatiza seus efeitos, apenas se oferece um corpo para uma condição ou situação, funcionam como exemplares na demarcação de um rosto⁷ e assim se expõe um evento como fatalidade em si; recortado e esvaziado de suas condicionantes.

Ao lado disso, as narrativas midiáticas deste tipo de evento parecem não deixar espaço suficiente para se problematizar a responsabilidade ou qualquer outro pilar possível que engendre o poder da ação humana. Ao contrário, exploram o que se denomina de paixões tristes⁸ que se baseiam, principalmente, no arrefecimento ou na banalização. O impacto de um rosto vigora como a força mais intensa quando deveria adensar a discussão sobre as implicações éticas e políticas que advém dele mesmo.

Pensar a fome, sob este aspecto, nos levaria a duas vertentes possíveis nesta relação com a prática fotojornalística: em uma delas, estariam reafirmadas velhas fórmulas de um discurso moral e religioso que mitifica o merecimento, a punição divina, pré-destinada a um povo (originariamente) remetendo à noção de culpa ancestral quando explora a piedade, o apelo ou a comoção em seu registro sensacional de um evento. Na outra vertente estaria a discussão de seus pressupostos históricos, a ineficácia das instituições provedoras do bem comum e do tratamento das causas sociais, devidamente documentadas (aliás, projeto fundador do fotojornalismo no período moderno). Porém, tanto em uma quanto noutra, a vitimização permanece como pano de fundo de uma lógica que desresponsabiliza o próprio processo de visibilidade ao qual está vinculado.

⁷ Em outro momento discutimos o conceito de rosto trazido por Agamben do modo como discutimos sua apropriação pelo fotojornalismo. Em resumo, trata-se de uma espécie de índice de identidade ao mesmo tempo em que se constitui zona de disputa política. O conceito também tem diálogo com a noção de rostidade tal qual Gilles Deleuze e Félix Guattari propuseram. Ver AGAMBEN, Giorgio. *Moyens sans fins. Notes sur la politique*. Paris: Rivage Poche, 2002. DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Ano Zero - Rostidade*. In: *Mil platôs*. Vol.3. São Paulo: Ed. 34, 1996.

⁸ Peter Pál Pelbart retoma a noção de paixões tristes tratada na filosofia deleuziana como indicação expressiva de uma condição contemporânea da diminuição da potência de agir. Outras questões decorrentes desta relação são colocadas pelo autor e merecem destaque. PELBART, Peter Pál. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. In: Fátima Saadi; Silvana Garcia. (Org.). *Próximo ato: Questões da Teatralidade Contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 33-37

É preciso pensar o gesto para além de seu produto. Como vimos na analítica foucaultiana é preciso pensar, para além dos enunciados, as condições mesmas dos enunciados, em nosso caso, da visibilidade, que tanto delimitam quanto qualificam vidas e mortes por *topos* de identidade. A inscrição destes eventos é instância possível de produção de julgamentos, assim como da memória ou do imaginário. Mas que se ressalve (e é sempre importante lembrar) que o julgamento é uma atividade interacional, aberta, “em que ocorre esse ‘compartilhar-o-mundo’”. (ARENDDT, 2004, 31)

Neste sentido, Hannah Arendt propunha bem o “corpo e a fala como dois recursos essenciais para habitar o espaço visível” (ARENDDT, 1981, 188). Contudo, a “posse” destes recursos dispõe modos diversos de participação no disputado campo do visível. Uma reflexão sobre este processo, portanto, não poderia prescindir das condições nas quais se encontram estes “corpos e falas”, mas tentar compreendê-los, isto, sim, atravessados pelas mediações que intervêm nas suas interações práticas com o mundo, social e político. No entanto, querer que as instituições do visível assegurem estes recursos não resolve aspectos de interações políticas, sabemos, complexas e conflituosas, porém, retirar dos indivíduos esta possibilidade conduz à redução de sua capacidade de agir, na medida em que o lugar e o acesso a este espaço é afetado diretamente pelas posições que ocupam.

Em Arendt, a aparência, o espaço visível, é tanto *poiésis* quanto posição. Em sua proposta de fenomenologização da vida contemplativa, na qual vigora uma inter-relação complexa entre pensar, querer e julgar no domínio da visibilidade, a valorização do mundo da aparência é fundamental a uma ética da ação como iniciativa livre e responsável.

Em uma proposta claramente divergente, mas com objetivo comum, Agamben nos indica a impossibilidade de discernimento entre corpo biológico e político, entre o comunicável e o dizível, de modo que só admitindo esta indistinção premente em nosso tempo é possível compreender que é no próprio corpo natural que está sua política. O ser vivente é uma *forma-de-vida* e apenas “enquanto corpo próprio pode transgredir os confins que a moral e a lei impõem à experimentação” (AGAMBEN, 2004, 191).

Para nós, pensar o compartilhamento do mundo através de imagens é um indicativo ético-político. Associado ao ver está o funcionamento de um processo que faz ver e não se trata aqui de um revelar dos fatos, eventos, realidade, da verdade ou de sua exposição apenas, mas de um constitutivo mais complexo do campo visível em nosso tempo. Como afirma

Agamben, não há um retorno a nenhum ponto originário; corpos e falas são atravessados pelas mediações, existem através deles ou são o que restam deste encontro. Somente a partir destas “zonas de indiferença e destes terrenos incertos” (AGAMBEN, 2009) é que devemos pensar as vias e modos de uma nova política (do visível).

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, Giorgio. “Le visage”. In: *Moyens sans fins*. Notes sur la politique. Paris: Rivage Poche, 2002.
- _____. *Homo sacer*. O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2004.
- _____. O que é um dispositivo. In: *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARENDDT, Hannah. *Poder e violência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- _____. *A condição humana*. São Paulo: Forense, Edusp, 1981.
- _____. *Responsabilidade e julgamento*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- FRANCA, R. O. ; VAZ, P. B. F. . *Tragédia enquadrada: o terremoto do Haiti em capas de revistas*. In: 8.Encontro da SBPJor - Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2010, São Luis. 8.Encontro SBPJOR - Desafios da Pesquisa em Jornalismo: Interdisciplinaridade e Transdisciplinaridade. São Luís : SBPJOR/UFMA, 2010. v. 1. p. 1-19.
- FOUCAULT, Michel. Le sujet et le pouvoir. In: *Dits et écrits II*, 1976-1988. Paris: Gallimard, 2001.
- _____. A vida dos homens infames. In: *Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- MORAES, Eliane Robert. *O corpo impossível*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- NEGRI, Toni. *Exílio: seguido de valor e afeto*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.